

A VISÃO MARGINALIZADA DO HOMOSSEXUALISMO EM FELIZ ANO NOVO, DE RUBEM FONSECA

Duilio da Silva Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba (duilio23@gmail.com)

RESUMO:

Este trabalho pretende discutir a visão estabelecida pelo discurso heterossexual, branca e patriarcal, diante da “anormalidade” ocasionada por pessoas que sentem atração sexual por outra de igual sexo, denominadas homossexuais. Para isso, analisaremos três contos do livro Feliz Ano Novo do Rubem Fonseca – Feliz Ano Novo, Corações Solitários e Dia dos Namorados – possibilitando uma ampla observação nas representações homossexuais, ou seja, sujeitos que camuflam, apresentam de forma discreta e outros que expõem de maneira clara sua condição sexual. Abordaremos também a carga política por trás da sexualidade que se mostra diferente da estabelecida na atual conjuntura social, e alguns pontos em que a condição financeira acaba se firmando como facilitador da ascensão de lutas e consolidação de ideias.

Palavras-chave: Sexualidade, Cultura, Homossexualismo, Discursos.

Introdução

Os estudos históricos dão conta da existência na sociedade da predominância de um só discurso, privilegiado por uma única categoria, que se nomeava simplesmente pelo sexo: o discurso do sexo masculino ou discurso machista, patriarcal. Este sempre fora sustentado com o propósito de defender o poder que os homens exerciam, em alguns casos ainda exercem, sobre as mulheres e, a partir daí, ter um controle do sexo oposto. Ou seja, “o segundo sexo” era voltado à submissão, sem vez nem voz, onde o mesmo necessitou de uma longa trajetória – que ainda se procede – para desfazer conceitos que eram tidos como verdades, colocando suas integrantes como meras reprodutoras e cuidadoras de lares. Leal (1995, p. 197) confirma essa condição ao afirmar que a mulher era uma “espécie de gerente doméstica, que cuidava de trazer toda a atividade da casa em perfeita ordem” e uma vez tida como propriedade do homem, chefe de casa, essa mulher (esposas e filhas) tinha uma liberdade restrita, do modo mais autoritário possível.

Se a mulher era vista, e em alguns casos ainda o é, como um mero acessório pelo discurso patriarcal, o que podemos esperar da visão heterossexual - patriarcal por natureza –

com relação aos gays, lésbicas e transexuais que fogem a uma norma tida como natural e divina? A resposta pode-se adquirir em diversos ambientes sociais, que mesmo diante de tantos esclarecimentos, debates e vivências, ainda persistem em tais visões equivocadas, e muitas vezes separatistas, com relação a esses “outros”

A marginalização da homossexualidade

A homossexualidade é uma condição vista de maneira diversificada por várias sociedades no decorrer da história. Enquanto que para os povos da antiga Grécia e Roma, presenciavam-se com normalidade o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo; na tradição judaico-cristã essa prática foi condenada, tendo suas posições confirmadas nas escrituras sagradas que evidenciavam esse processo como “pecaminoso”, algo que possibilitava um tipo de ameaça a procriação.

Sabe-se que ainda na Grécia Antiga e Roma, as relações homoafetivas eram por vezes aceitas como normais. Na tradição judaico-cristã as práticas homoeróticas passaram a ser vistas como pecaminosas, representando o descumprimento do que se julgava ser a palavra de Deus, no tocante à necessidade da natalidade (“crescei e multiplicai-vos”, de acordo com o livro do Gênesis). (KEN; SILVA, 2009, p. 509)

Esse discurso do sagrado incorporado ao discurso patriarcal, acabou gerando uma marginalização gritante com relação àqueles que vinham de encontro com a ideologia machista, heterossexual e religiosa que, deste modo, proporcionou, e ainda proporciona, uma certa segregação entre os heterossexuais em detrimento aos homossexuais. Divisão que proporciona medo e, muitas vezes pânico, sobre pessoas que têm instintos homossexuais, pois a exclusão, pelo fato de possuir uma sexualidade diferente, faz com que esses indivíduos se escondam em tomadas de posições de interesse ao sexo oposto, para satisfazer a sociedade que cobra um comportamento semelhante, que diferencie o “macho” da “fêmea”.

De modo geral, salva raras exceções, o/a homossexual admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, “o/a enrustido/a”. De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar “outras” identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade. O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais. Revistas, moda, bares, filme, música, literatura, enfim todas as formas de expressão social que tornam visíveis as sexualidades não-legitimadas são alvo de críticas, mais ou menos intensas, ou são motivos de escândalos. (LOURO, 1999, s/p)

Segundo Louro (1999, s/p) no percurso histórico da constituição das características apropriadas para homens e mulheres, tem-se uma clara diferenciação no comportamento inerente aos dois gêneros. Enquanto o homem é direcionado a não demonstrar afeto, certos mecanismos de carinho e, muitas vezes, incitado a ser intolerante e ríspido com os companheiros no intuito de deixar clara a posição forte e dominante do macho; em contra partida, presencia-se a delicadeza, passividade, atitudes de afeto e obediência que são imbuídos na educação e na relação entre as mulheres.

É nesse cenário que se tem a configuração das categorias estabelecidas entre o sexo masculino versus feminino – apesar de constatar mudanças ocorridas nas últimas décadas – imbuídas na sociedade desde os primórdios, fazendo com que tudo que saia dessa seara, desse cenário perfeito de dominação-servidão, seja considerado “distorção”, “anormalidade”, “depravação”.

Só foi a partir da década de 60/70 que o discurso dos “outros”, dos que não possuíam características semelhantes ao gênero específico, começou a ser debatido com mais ênfase, sem uma visão doentia que predominavam os debates sobre o contexto da homossexualidade.

Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gêneros vem se tornando cada vez mais acalorada, especialmente provocada pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações. Novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como “política de identidades” (Stuart Hall, 1997)” (LOURO, 1999, s/p)

Ser homossexual se configurava, e para muitos ainda se configura, uma situação de extremo risco. Não só por ir de encontro a visões heterossexuais advindas de uma grande parcela da população, mas pela exposição que seu ato trará na família, escola, comunidade, trabalho, dentre outros espaços que o sujeito esteja inserido. Ou seja, ir de encontro com a visão da maioria, é tomar uma atitude política perante àquele espaço, e para isso é preciso que o/a cidadão/ã esteja ciente das consequências que essa posição trará, por isso que muitos preferem se esconder, para não ser marginalizado como tantos que defendem seus direitos de se apresentarem como são.

Sentimo-nos invadidos não por aquilo que a identidade homossexual provoca, mas por aquilo que as pessoas possam pensar e por todos os confrontos com os quais ela irá se deparar. O medo do sentimento de exclusão, do desprezo

social, da necessidade de assegurar duas identidades por 24 horas torna-se causador de pânico não desejável para ninguém. Quando esta exclusão se associa a exclusão econômica, a vida cria outros limites (KEN; SILVA, 2009, p. 512)

A luta por direitos e pela derrubada de barreiras que persistem em excluir a população GLT (Gays, Lésbicas e Transexuais) da sociedade considerada “normal”, possibilitou a concretização de caminhadas, paradas, discussões, dentre outros meios que mostram a ânsia por igualdade, e, felizmente, muitos direitos foram alcançados, mas a ideologia heterossexual, imbuída no sagrado, ainda exclui com bastante severidade aquilo que vem de encontro com o que foi estabelecido para os gêneros, ou seja, observa-se que a retórica heterossexual ainda se mostra atrelada a concepção de sexualidade e gênero como sendo única, onde o gênero x sempre tem que possuir uma sexualidade inerente a sua condição física advinda da natureza.

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos “naturalmente”. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito do seu caráter construído. A sexualidade seria algo “dado” pela natureza, inerente ao ser humano. (...). No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções ... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. (LOURO, 1999, s/d)

A condição econômica atrelada a um convívio marcado por sujeitos bem instruídos, pode favorecer uma interação entre as visões antagônicas já citadas, onde os mesmos, por terem independência financeira, terão a possibilidade de interagir e se relacionar com pares que obtêm sexualidades afins. Não acontecendo, desse modo, com àqueles que são desprovidos de uma condição financeira regular, que vão ter dificuldade no convívio familiar e, deste modo, na interação com pessoas que tem sexualidades semelhantes.

No entanto, classe interfere neste processo de maneira significativa. Para os setores populares no Brasil, a função econômica da família retém uma grande importância. A renda de classes mais baixas é irregular e pequena, tornando muito difícil a independência econômica de um indivíduo de sua família. A sobrevivência econômica, tanto para o indivíduo quanto para a família como um todo, depende da permanência dos filhos no âmbito familiar até que eles se casem (e em vários casos após o casamento, devido à falta de moradia). A proximidade e controle da família fazem com que a exploração de atrações e relacionamentos homossexuais se torne muito difíceis. Gays e lésbicas de classe alta, por outro lado, podem dar-se ao luxo de manter um apartamento para tais encontros, ou têm meios para pagar um quarto de motel para tais fins. (MARSIAJ, 2003, p. 139-140)

A marginalização, no modo como se apresenta, nasce na defesa de uma “verdade” que suplanta, mascara, outros pensamentos, modos de vida; fazendo com que um discurso, confirmado pela veemência do sagrado, seja tido como legítima ocasionando exclusão. Fato que provoca a incumbência da desistência de outras ideologias, advindas de dentro para fora, por receio do abandono e estigmatização.

Estigmatizar, excluir e denunciar são verbos que induziram os personagens dos contos de Rubem Fonseca, trazendo questionamentos, receios e atitudes que impulsionarão os debates, vivências e relações dos homossexuais retratados nas histórias que serão destrinchados, confirmando ou não os pontos levantados, até agora, sobre o discurso dos “outros”.

Classes Sociais e estigmatização: visões sobre a homossexualidade

A nossa sociedade é marcada por vários vieses, históricos e sociais, que induzem a diversas desigualdades que provocam preconceitos, exclusões, perseguições e, em alguns casos, até a morte.

Podem-se citar vários momentos obscuros da nossa história que se aplacou esses ideais de exaltação a um determinado pensamento: o holocausto, provocado pelo ideal de raça pura do Hitler, as perseguições da Igreja Católica, com relação aos outros manifestos religiosos, ou mesmos com conhecimentos científicos que vinham de encontro com sua visão, dentre outro grupos que não aceitavam o “outro”, o contrário.

Isso veio a se impor também na questão da sexualidade, onde o diferente era e, ainda em muitos espaços, é visto como “aberrações”, “distúrbios”, onde se faz necessário um procedimento psicológico para “salvar” aquele sujeito daqueles conceitos e desejos proibidos.

Se, ainda hoje, vê-se um tipo de separação com relação àquilo que vem de encontro com o que é estabelecido pelo discurso heterossexual, discurso da “maioria”, com relação ao modo de vida de pessoas que se envolvem com o sexo semelhante; também se presencia um tipo de aceitação e/ou profundo disfarce, encobrimento, dependendo do contexto social analisado.

No conto Feliz Ano Novo, do Rubem Fonseca, constata-se como se dá a relação que os assaltantes têm em relação ao outro que também pratica tais delitos, furtos e roubos a diversificados locais, diferenciado pela suspeita do mesmo ser homossexual.

Dia 2. Vamos estourar um banco na penha. O Lambreta quer fazer o primeiro gol do ano. Ele é um cara vaidoso, disse Zequinha. É vaidoso mas merece. Já trabalhou em São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Vitória, Niterói, para não falar aqui do Rio. Mais de trinta bancos. É, mas dizem que ele dá o bozó, disse Zequinha. Não sei se dá, nem tenho peito de perguntar. Pra cima de mim nunca veio com frescuras. Você já viu ele com mulher?, disse Zequinha. Não, nunca vi. Sei lá, pode ser verdade, mas que importa? Homem não deve dar o cu. Ainda mais um cara importante como o Lambreta, disse Zequinha. (FONSECA, 2012, p. 14)

Como se pode verificar, o respeito com relação ao personagem Lambreta, assaltante reconhecido pelas grandes operações realizadas com sucesso, dá-se pela sua importância econômica, ou seja, sua presença é sinal de sucesso, êxito em uma operação de roubo, assalto. É essa posição ativa física-financeira que promove o Lambreta, visto mais pela sua posição do que pelas suas preferências sexuais. Mas isso não elimina o discurso heterossexual impregnada na mente dos outros ladrões, que exalta a função ativa do homem em todas as posições sociais e sexuais.

Os homens não tão dando sopa, disse Pereba. E frango de macumba eu não como. Depois de amanhã vocês vão ver. Vão ver o quê?, perguntou Zequinha. Só tô esperando o Lambreta chegar de São Paulo. Porra, tu tá transando com o Lambreta?, disse Zequinha. (FONSECA, 2012, p. 12-13)

Mesmo sendo vítimas da desigualdade social, sem expectativas de melhoras nas suas condições de vida, dependentes dos vários crimes que cometem para sobreviver, o discurso patriarcal, heterossexual é, preponderantemente, marcada nos gestos, atitudes e visões sobre os outros; ou seja, tem-se uma diferenciação, mesmo tímida, na lida com aquilo que é diferente, que mesmo em um espaço de exclusão, ainda se presencia uma separação dentro da já estabelecida exclusão por fatores econômicos impostas. Para o homossexual se verifica, nesse espaço, dupla exclusão.

A exclusão sexual aparece com mais ênfase quando se tem o medo de se tornar um agente político, medo de se tornar a bandeira, objeto de exposição, medo de uma exclusão dupla como vimos anteriormente.

No conto Corações Solitários, do mesmo autor, vê-se a ânsia pela exposição daquilo que satisfaz determinado personagem, mas que vem de encontro com o que a sociedade impõe.

Dr. Nathanael. Gosto de cozinhar. Gosto muito também de bordar e fazer crochê. E acima de tudo gosto de colocar um vestido longo de baile, pintar os meus lábios de batom carmesim, botar bastante ruge, passar rímel nos olhos.

Ah, que sensação! É pena que eu tenha que ficar trancada no meu quarto. Ninguém sabe que eu gosto de fazer essas coisas. Estou errado? Pedro Redgrave. Tijuca. (FONSECA, 2012, p. 26)

Essas cartas que a personagem Dr. Nathanael recebia desse senhor que acompanhava a seção De mulher para mulher, do Jornal Mulher, externava a quebra de regras estabelecidas para determinado gênero, fazendo com que a ideia da sexualidade atrelada ao gênero caia por terra e uma nova visão sobre os “diferentes” comece a ser discutida.

Pedro Redgrave, personagem homossexual que envia cartas com o intuito de dialogar sobre sua condição sexual, continua seus diálogos na intenção de compreender e questionar a si mesmo, provocado pelo preconceito que aqueles, que estão ao seu redor, venham a externarem com relação ao seu modo diferenciado de pensar e agir; por esse motivo, vemos a exposição de todos os seus medos, desejos e dúvidas expressos nas cartas enviadas ao consultor da coluna.

Nathanael. Eu amo, um amor proibido, um amor interdito, um amor secreto, um amor escondido. Eu amo outro homem. E ele também me ama. Mas não podemos andar na rua de mãos dadas, como os outros, trocar beijos nos jardins e nos cinemas, como os outros, deitar abraçados nas areias das praias, como os outros, dançar nas boates, como os outros. Não podemos nos casar, como os outros. Não tenho forças para resistir e lutar. É melhor morrer. Adeus. Esta é a minha última carta. Mande rezar uma missa para mim. Pedro Redgrave. (FONSECA, 2012, p. 29)

O sentimento de solidão, de ridicularização e de recusa a si mesmo e aos seus sentimentos, provoca a vontade de sair desse espaço de desconforto, fazendo com que gere um impulso de eliminação da raiz de todo este arcabouço de contradições, onde a morte se torna um remédio que vai curar o sofrimento retido.

Talvez a morte – não física, porém psicológica – tenha criado um personagem que de forma nítida ressuscita um Peçanha, dono do Jornal Mulher, que esteja morto. Um verdadeiro Peçanha que se esconde em Paulo Redgrave, tentando externar seus verdadeiros instintos, seus questionamentos que, por medo da exclusão por parte de uma sociedade machista e heterossexual, são escondidos em alguém que não existe.

Entreguei a ele a carta de Pedro Redgrave. Peçanha leu a carta e percebendo o engano que havia cometido empalideceu, como era do seu feitio. Nervoso, mexeu uns seus papéis sobre a sua mesa. Era tudo uma brincadeira, disse depois, tentando acender um charuto. Você está aborrecido? (...). Minha vida dá um romance ..., disse Peçanha. Isto fica entre nós dois, está certo? (...) Claro, só entre nós dois. Obrigado, disse Peçanha. E soltou um suspiro que

cortaria o coração de qualquer outro que não fosse um ex-repórter de polícia. (FONSECA, 2012, p. 34-35)

E quando a exclusão sexual possibilita transgressão, marginalização e revolta? No conto Dia dos Namorados, Rubem Fonseca enfoca, em sua narrativa, o processo de chantagem sofrido pelo banqueiro J.J. Santos em um hotel da Barra, bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro, onde o banqueiro acaba descobrindo que a garota de programa que estava em sua companhia se tratava de um travesti. Com isso, J.J. Santos começa a despejar todas as infâmias que a ideologia heterossexual construiu contra os “diferentes”, os homossexuais; e, nesse momento, a figura machista, heterossexual, vê-se vítima do seu próprio discurso de exclusão, pois algo de inesperado acontece, possibilitando uma desconstrução de ideais perante a marginalização imposta.

Meu cliente, o banqueiro J.J. apanhou uma mulher na rua, levou para um hotel e, chegando lá, descobriu que era um travesti. O travesti roubou dois mil cruzeiros do meu cliente. Eles tiveram uma discussão e o travesti, armado de um gilete, ameaça cometer suicídio se não receber dez mil cruzeiros em dinheiro. Meu cliente me pediu o dinheiro, que está aqui comigo. Nós queremos dar o dinheiro e encerrar o assunto. (FONSECA, 2012, p. 59)

Na verdade Viveta não tem o intuito de tirar sua própria vida, o que a mesma tem em mente é poder conseguir algo a mais para a sua sobrevivência, seu futuro. Talvez sua vida esteja repleta de marcas da violência cotidiana, humilhações e negações de oportunidades, por ter uma sexualidade oposta ao seu gênero. Sobrando, apenas, a prostituição, o crime, a mentira.

Quero meu dinheiro logo, senão faço uma loucura!, gritou Viveta, dando um golpe no braço. O gesto era seco e violento, mas a gilete passava de leve na pele, apenas o suficiente para sair sangue e apavorar os otários. (FONSECA, 2012, p.60)

Para se livrar da punição, de mais um ato de usurpação com relação ao diferente; os marginalizados usam de emoção, da dó alheia para, de certo modo, não sofrer ainda mais com os atentados feitos perante a sua existência, atentados imbuídos pela ideologia religiosa, patriarcal, heterossexual já expostas anteriormente.

Eu peço desculpa a todos os senhores policiais presentes, principalmente ao moço que eu feri e me arrependo tanto. Eu sou homem sim, mas desde criança minha mãe me vestia de menina e eu sempre gostei de brincar de boneca. Eu sou homem porque me chamo Jorge, só por isso, minha alma é de mulher e eu

sofro por não ser mulher e poder ter filhos, como as outras. Sou uma infeliz. Então esse homem do Mercedes me apanhou na praia e disse, vem comigo, menino; e eu respondi, eu não sou menino, sou mulher; e ele disse, mulher nada, entre logo, eu hoje estou a fim de outra coisa. (FONSECA, 2012, p. 60-61)

Mesmo sendo inverídico o que a personagem travesti revela no depoimento feito em uma delegacia, em um bairro nobre da cidade, sua explanação revela a marginalização sofrida por vários jovens que tendo uma sexualidade diferente daquilo previsto para o seu corpo, são levados para, em muitos casos pela falta de oportunidades nos grandes centros, a prostituição.

Lambreta, Paulo Redgrave (Peçanha) e Viveta são facetas de um mesmo discurso, de uma ideologia em construção, inexistente para muitos, mas presentes em todas as classes sociais, respeitada ou criminalizada, compreendida ou excluídas em contextos que, concordando ou não, estão tendo que discutir e/ou repensar certas verdades questionáveis.

Considerações Finais

Defender um discurso que vem de encontro com uma ideologia já consagrada, vista por muitos como legítima, é mais que uma defesa daquilo que se vive e que é vista como modo de expressão da diversidade de ser, é mais do que um direito legítimo de livre expressão; pois, ao mexer com direitos e deveres de uma parcela da população, essa defesa se torna algo político, torna-se uma luta social.

Como vimos, a exclusão do diferente, daquilo que era/é tido como transgressão, foi e ainda se faz presente nos diversos contextos sociais, desde a periferia até as camadas mais nobres da sociedade; porém essa exclusão se concretiza de maneiras variadas, mas a raiz da segregação é a mesma: o discurso patriarcal, heterossexual.

Essa dualidade entre homossexuais versus heterossexuais vista no percurso da nossa história e reiteradas nos contos do Rubem Fonseca, apresentam essa necessidade de se opor ao “diferente”, a vontade de ser como se é, sem esconder sua sexualidade, mostrando que gênero e sexualidade não andam de mãos dadas e que, para uma parcela da população, a diferenciação é uma bandeira que é exaltada na defesa da união e não da exclusão que gera, muitas vezes, problemáticas que vem de encontro com os que defendem uma segregação entre os considerados “normais” e os “diferentes”.

A diversidade de gêneros, de sexualidade e de ideais de vida são contextos que tem que possibilitar soluções de convivências, ou seja, cada ser humano é único, diferente por natureza e isso, conseqüentemente, vai ser o norte, também, em suas relações e no modo de

enxergar o mundo. Foucault, em entrevista à revista *Marques* (1982, p.24), afirma que: “É preciso não ser homossexual, mas sim encarniadamente ser guei. Interrogar-se sobre nossa relação com a homossexualidade é antes de tudo desejar um mundo onde essas relações sejam possíveis”.

Para a exclusão ser diminuída, ou mesmo extinta, é necessário essa conscientização política da causa defendida, esse mostrar-se diferente e demonstrar para a sociedade que ambos podem se relacionar, sem prerrogativas dos estigmas inferidos pelo discurso heterossexual, que remetem ao homossexualismo uma filosofia de vida geradora de doenças, pecado, sodomia, aberrações, comportamentos perversos.

A relação entre os “diferentes” é uma construção que não acontece em uma piscar de olhos, mas é algo que se faz aos poucos, começando na demonstração de que sentir desejos é inerente a todos, cometer certos atos mal vistos por uma parcela da sociedade não é prática só dos homossexuais. Nesse contexto, tem-se de começar esclarecendo certos equívocos e desfazendo teorias excludentes já proferidas anteriormente, só assim a luta pela igualdade, pelo menos nos direitos de ir e vir sem o medo da exclusão que, em muitos contextos, torna-se caso de polícia, será efetivado com êxito. Mas não se pode esquecer que essa luta é um processo que pode durar longas décadas, séculos, como vimos no caso do discurso matriarcal, que ainda hoje necessita derrubar vários paradigmas.

O discurso dos “outros” ainda tem um longo caminho a percorrer.

Referências

FONSECA, Rubem. **Feliz ano novo**. Ed. Especial. Rio de JANEIRO: Nova Floresta, 2012.

LEAL, José Carlos. **A maldição da mulher**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1995.

KERN, Francisco Arseli; SILVA, André Luiz da. **A homossexualidade de frente para o espelho**. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewArticle/4939>. Acesso, 9 de Abril de 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Disponível em: <http://C:/Documents%20and%20Settings/duilio/Meus%20documentos/Downloads/pedagogia-da-sexualidade-guacira-lobes-louro.pdf>. Acesso, 9 de Abril de 2015.

MARSIAJ, Juan P. Pereira. **Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil**. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?q=gays+ricos+e+bichas+pobres&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5. Acesso, 10 de Abril de 2015.

Masques (Revue des Homosexualités). **Entretien avec Michel Foucault**. Paris, primavera de 1982.